

II Parte

A solidariedade na vida de Cristo, segundo Francisco

Introdução

Na primeira parte desta pesquisa temos buscado clarear o objeto de nossa temática de estudo. Começamos por nos perguntar pelo conceito da palavra “solidariedade” que, por sinal, não é nada unívoco, talvez por sua curta presença na história. São muitas as conotações e os contextos em que é utilizado. Geralmente é empregado no âmbito das virtudes humanas e cristãs. Nós, porém, optamos por compreender este termo, segundo a concepção antropológico-filosófica de modo de ser. Solidariedade é uma maneira de ser-para-os-outros, de estar prioritariamente voltado para quem vive ao lado, em função da promoção de sua vida. Este modo de ser estabelece com os outros uma espécie de “aliança”, de pacto de ajuda recíproca, de onde todos saem ganhando, independente de sua situação inicial.

No capítulo seguinte da primeira parte, o segundo do estudo, abordou a “cristologia da solidariedade”. Começamos por verificar a existência do termo “solidariedade” na Bíblia e constatamos, com surpresa, o aparecimento desta palavra em edições mais recentes. Porém, muito mais do que o termo, está densamente presente na Bíblia o conceito de solidariedade, sobretudo em Deus. E não apenas no Novo Testamento com Jesus Cristo como se poderia de imediato pensar, mas também, e de maneira muito clara, no Antigo Testamento. Por isso o segundo capítulo pôde tratar da “Cristologia da solidariedade”, porque Jesus Cristo é a Encarnação de Deus na história. Este horizonte foi se impondo também nos tratados cristológicos modernos, deste Walter Kasper, ganhando sempre maior espaço até se tornar ótica básica da cristologia em Jon Sobrino.

Esta terceira parte que estamos iniciando, então, tem por objetivo averiguar a presença deste modo de ser de Jesus Cristo em Francisco de Assis. Já de antemão devemos estar avisados que nele não podemos sonhar com a presença da palavra que é objeto de nosso estudo. Precisaremos estar atentos à ótica que Francisco tem do modo de ser de Jesus Cristo, a fim de perceber que aí está realmente presente o modo de ser solidário.

Serão abordados, nesta parte, quatro temas, formando quatro capítulos. O primeiro trata da Encarnação. O mistério da encarnação como expressão da

solidariedade de Deus para com os homens e sobretudo para com os mais pobres e oprimidos. De fato, Francisco mostra a Jesus nascendo “*in via*”, isto é, “entre os marginalizados e rejeitados” da sociedade, em profunda solidariedade para com todas as criaturas que sofrem, mesmo aquelas que chamamos de irracionais.

O segundo capítulo desta parte, que é o quarto na seqüência de todo o estudo, analisa a presença do modo solidário de Jesus Cristo expresso através de sua paixão, com a qual Francisco entrou em contato através do Crucifixo de São Damião, com o Tau, com o assim chamado “Ofício da Paixão”, por ele composto, e com os estigmas de que teria sido ornado, para muitos, sinal este preclaro da sua identificação ou participação no mistério da paixão do Cristo solidário com os homens.

Já o capítulo quinto irá analisar outro item da vida de Jesus Cristo, a Eucaristia, como expressão do modo de ser de Jesus Cristo que se doa e permanece, de modo pobre e humilde, no meio da humanidade, como sinal e alimento para a luta pela transformação desta sociedade injusta que discrimina os mais fracos. Sem apresentar nenhuma nova teoria, pela sua maneira de abordar a Eucaristia, ou melhor dito, o “sacramento do corpo e do sangue do Senhor” como ele sempre fala, Francisco a recorda e invoca geralmente em meio a contextos de luta pela transformação social, traduzindo, destarte, a solidariedade expressa com sua morte na cruz, consequência de sua defesa dos “menores” e excluídos da sociedade.

Por fim, o sexto capítulo, o último desta segunda parte do estudo, quer observar a presença da solidariedade também na maneira como Francisco trata Jesus Cristo ou, como dizem os teólogos, através de seus títulos cristológicos. Serão abordados somente três: Jesus Cristo, o Servo de Deus; Jesus Cristo, o Bom Pastor; e Jesus Cristo, pobre e peregrino (hóspede). Esta maneira de se relacionar com Cristo é revelador de uma compreensão cristológica profundamente solidária com a humanidade, mormente com os pequenos e oprimidos.

Esta segunda parte deste estudo se constitui, assim, na parte dogmática da cristologia sanfranciscana, enquanto que a parte seguinte, composta pelos capítulos sete, oito e nove, comporá sua parte parenética.

Capítulo III

Encarnação de Cristo: expressão da solidariedade divina

Antes de abordar diretamente a visão da encarnação em Francisco convém ter presente dois aspectos, ainda que possam ser circunstanciais. Em primeiro lugar, a devoção de Francisco para com o Natal¹ do Senhor Jesus parece ter percorrido a mesma trajetória que na elaboração dos evangelhos: a infância de Jesus só foi valorizada depois dos eventos pascais e da vida pública². O Natal de Greccio, celebrado de um modo tão especial que lhe valeu o título impróprio de “inventor do presépio”, só ocorreu três anos antes de sua morte, portanto, em 1223. O segundo aspecto diz respeito ao *Sitz im Leben* das referências ao

¹ É evidente que o mistério da encarnação ultrapassa o evento do Natal. Também Francisco revela essa consciência. Todavia por vezes, para simplificar, os dois termos são tomados quase como sinônimos, já que o Natal é a expressão mais visível da encarnação.

² A formulação escrita dos evangelhos começou com as narrativas da Paixão e Morte e Ressurreição, às quais foram sendo acrescentadas as coleções de parábolas e ensinamentos e as coleções de milagres. Somente depois se foi dando sempre mais importância aos fatos relativos à infância. A história dos textos evangélicos comprova isso. O texto de Marcos, o primeiro dos textos evangélicos, nada diz dos primeiros tempos da vida de Cristo. Começa diretamente com sua vida adulta. Mateus, o segundo texto redigido, já apresenta alguns relatos da infância para comprovar a realização das profecias veterotestamentárias. Porém, Lucas, o terceiro cronologicamente falando, dedica aos fatos da entrada de Jesus na história, dois longos e profundos capítulos. Por seu lado, João, o texto mais tardio e mais teológico, faz preceder a narrativa da vida pública, uma página síntese de todos os temas teológicos e cristológicos que serão desenvolvidos, apresentando Jesus Cristo como a encarnação da segunda Pessoa da Trindade. Ver: C. PERROT. *As narrativas da infância de Jesus*, especialmente pp 11-16; A. PAUL. *L'Évangile de l'enfance selon s. Matthieu*, 13- 64. M. BEAUCHAMP (*Incarnation*, 564) constata que o primeiro tratado sobre encarnação nas cristologias modernas, após o intervalo de séculos desde os da escolástica medieval, pertencem à segunda metade do século XX. “Parece ser a última palavra a aparecer”. Ainda hoje, muitas obras de cristologia não abordam esse tema.

nascimento/encarnação de Jesus: Francisco nunca trata desta realidade isoladamente, e sim sempre dentro da totalidade ou globalidade do mistério de Cristo ou mesmo da Trindade divina. Todas as principais referências ao nascimento/encarnação em seus escritos se passam dessa maneira³. Talvez, com isso, queira ensinar que o mistério da encarnação não é compreensível se desvinculado do projeto redentor de Deus sobre a humanidade, do seu plano global de salvação.

Nesta breve síntese, consideraremos alguns aspectos apenas desta realidade tão encantadora e decisiva da encarnação. Como por questão de método queremos valorizar o contexto histórico em nossa reflexão teológica, começaremos pela narração da devoção ao Natal como a encontramos nas fontes contemporâneas de nosso santo. Elas se prestam para nos colocar em contato com o pensar contemporâneo do santo e, assim, melhor captar as contribuições de Francisco.

3.1

Natal: a solidariedade de Jesus Cristo com toda a criação

Afirma Tomás de Celano que “sua maior intenção, seu desejo principal e plano supremo era observar o Evangelho em tudo e por tudo, imitando com perfeição, atenção, esforço, dedicação e fervor os ‘passos de nosso Senhor Jesus Cristo no seguimento de sua doutrina’. Estava sempre meditando em suas palavras e recordava seus atos com muita inteligência. Gostava tanto de lembrar a humildade de sua encarnação e o amor de sua paixão, que nem queria pensar em outras coisas”⁴. Estas palavras que manifestam a intensa comunhão de vida de Francisco com Cristo introduzem a perícopa de Celano que vai narrar a representação do Natal em Greccio. O hagiógrafo prossegue dizendo que havia nesse lugar um homem de boa fama e de vida ainda melhor, chamado João, a quem Francisco se dirigiu nestes termos: “Se você quiser que nós celebremos o

³ Sirvam de exemplificações: o Salmo Natalino, portador das mais belas afirmações a respeito da encarnação, é o salmo número 15 do Ofício da Paixão (OfP 15, 3.7); a idéia de que diariamente Cristo se encarna na hóstia assim como se encarnou no seio de Maria é apresentada na I Admoestação que trata da Eucaristia (Adm 1, 16-18); a afirmação de que “o altíssimo Pai enviou sua Palavra ao seio da Virgem Maria onde recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade” é a afirmação encontrada na 1 Carta aos Fiéis (1CtFi 4), cujo tema é o fazer penitência, isto é, o seguimento de Cristo. E é o primeiro versículo de uma bela síntese de todo o mistério cristológico: encarnação, paixão e eucaristia, etc.

⁴ 1 Cel 84. Este capítulo encerra a primeira parte da biografia, talvez para dizer que também em Francisco a encarnação tenha sido uma descoberta tardia em sua caminhada existencial. Na segunda parte tratará apenas dos últimos dois anos da vida e da morte de Francisco.

Natal, é bom começar preparar diligentemente e desde já o que vou te dizer. Quero lembrar o menino que nasceu em Belém, os apertos que passou, como foi posto num presépio, e ver com os próprios olhos como ficou em cima da palha, entre o boi e o burro”⁵.

Vinte anos mais tarde, Celano retoma este evento de Cristo em Francisco dizendo que o Natal para ele é a “festa das festas, na qual Deus, feito um menino pobrezinho, passou a depender de peitos humanos”⁶. E a seguir acrescenta um *logion* que certamente é de Francisco: “Queria que nesse dia os pobres e os esfomeados fossem saciados pelos ricos e que se concedesse uma maior ração e mais feno para os bois e os burros. Até disse: ‘Se eu pudesse falar com o imperador pediria que promulgasse essa lei geral: que todos os que pudessem joguem pelas ruas trigo e outros grãos, para que nesse dia tão solene tenham abundância até os passarinhos, e principalmente as irmãs cotovias”⁷. R. Manselli capta nesta narrativa dois aspectos que nos parecem muito relevantes: se Francisco vive esse desejo de que os animais, as aves e os pobres sejam saciados é porque ele capta o sofrimento intenso e generalizado, (em razão da sobrevivência física e de outros fatores) entre os pobres e nas demais criaturas, (do qual os ricos não participam e são convidados a combater). Por isso, almeja que no dia em que Deus historicamente se solidarizou com todo esse sofrimento, humano e cósmico, também os homens vivessem o dia da solidariedade com os sofredores⁸. E desse

⁵ Os animais (o boi e o burro) não são citados nos evangelhos. Mas essa referência aos dois animais domésticos é uma tradição que remonta ao IV século, baseada em textos mal interpretados de Isaías e Habacuc, nos diz S. PIAT (*Com Cristo povero*, 481). Francisco os menciona por fazer parte da tradição popular de toda a Europa.

⁶ 2 Cel 199. Importa, todavia, observar que Celano refere a relação de Francisco com o Natal no capítulo intitulado “Devoções particulares do santo” (ao lado da devoção aos anjos, a Maria, à Eucaristia, às relíquias). Desse enfoque se pode deduzir tratar-se um sentimento ou afeição psicológica a um santo ou a um objeto sagrado, como era ordinariamente compreendido esse termo no século XIII e não, como lembra K. ESSER (*Os Escritos*, 269-272), de um “ato de consagração” a uma pessoa ou a Deus, como era o sentido original nos primeiros séculos do cristianismo, quer dizer, um voto de ser ou viver de modo semelhante a quem se dirige. Nessa perspectiva de enquadramento do Natal entre as devoções de Francisco (à semelhança das populares) empobrece enormemente o tema.

⁷ O mesmo fato se encontra na LP 110, no EP 113-114 e na 3 Cel 32. MANSELLI (*Nos qui cum eo fuimus*, 82) é de parecer que o texto que serve de base para as três fontes esteja entre o material enviado pelos companheiros de Francisco em 1246. Estas duas últimas fontes acrescentam o dado que o imperador deveria proibir capturar ou fazer danos às aves.

⁸ R. MANSELLI (*Francesco e i suoi compagni*, 220-221) parece-nos ter intuído, com clareza, o sentimento de Francisco: “Esta perícopa me parece aquela que melhor sintetiza em todos os seus aspectos a pobreza e o lugar que ocupava na alma de São Francisco. Há um mundo inteiro que sofre, da cotovia que padece fome no frio do inverno, aos outros passarinhos, aos animais e, enfim, aos pobres. Aqueles que têm fome ao menos um dia deveriam conhecer a saciedade por decisão do

modo, este é outro aspecto realçado pelo autor, a solidariedade de Deus pudesse ser experimentada como profunda alegria⁹ por toda a criação, desde as aves e os animais até os homens mais esquecidos e relegados. O Espelho de Perfeição narra que era seu desejo que neste dia todos os cristãos se alegrassem no Senhor e demonstrassem grande liberalidade¹⁰. A alegria é consequência da entrada de Deus na história humana como salvação, luz, paz e força de amor. E entrada que tem por objetivo não somente compartilhar o sofrimento, mas para revertê-lo em alegria mediante uma nova relação com os bens que se dá na liberalidade e na partilha, relação essa que produz abundância de vida (comer à saciedade).

- - - - -

Concluindo este item podemos dizer que a encarnação para Francisco, a partir das informações de Celano e outras fontes contemporâneas, pode ser entendida como a expressão do amor solidário de Deus com o sofrimento de toda a criação, que deseja ver solidária e alegre, começando pelo material e econômico. Observado em seu contexto histórico, estes gestos e este modo de pensar de Francisco são uma forte valorização da humanidade de Jesus Cristo, em contraposição à heresia cátara que a negava¹¹. Mas para Francisco não há essa dicotomia, tudo participa do mesmo movimento de amor, de solidariedade e de alegria, porquanto todas as coisas integram a mesma família de Deus.

poder público, e é o dia de Natal no qual veio a mundo o Cristo pobre para que fosse exemplo para os pobres”.

⁹ R. MANSELLI, *Francesco e i suoi compagni*, 167: “Como se vê, é todo um plano de alegria universal, do qual não deve ser subtraído nenhum ser vivente, realçando destarte o significado e o valor excepcional da festividade natalícia. Não devemos aqui acrescentar mais nada para expor à luz quanta importância tenha o Natal para Francisco”. Nessa perspectiva de que tudo está convidado a ser participe desta alegria pode-se acrescentar este outro fato narrado unicamente em 2 Cel 199: “Certa vez em que discutiam os frades se era permitido comer carne, porque era uma sexta-feira, disse a frei Mórico: ‘Irmão, cometes um pecado chamar de sexta-feira o dia em que o Menino nasceu para nós. Quero que nesse dia até as paredes comam carne. Se não podem comer, ao menos sejam esfregadas com carne’”.

¹⁰ EP 114: “Era, pois, seu desejo que nesse dia todos os cristãos se alegrassem no Senhor e, por amor daquele que se deu a si mesmo por nós, todos demonstrassem grande liberalidade, não somente com os pobres, mas também com os animais e as aves”.

¹¹ Os cátaros, profundamente maniqueístas, são uma heresia que defendia a dupla origem do mundo: a materialidade provinha de satã, enquanto as coisas do Espírito tinham sua fonte em Deus. Assim também o bem e o mal. Para os cátaros, “*Jesus Cristo não é o Deus encarnado, mas sim o maior anjo ou o melhor dos homens que Deus tomou como filho adotivo. Ele veio a este mundo, mas sua carne como sua paixão, foram apenas como aparências. Se Jesus resgatou o homem não foi por seu sofrimento, mas por seu ensino*”, relata A. VAUCHEZ (*A Espiritualidade na Idade Média*, 103). Outros esclarecimentos sobre Francisco e a relação com as heresias presentes na região de Assis podem ser encontrados em R. MANSELLI (*Francesco e i suoi compagni*, 235-255).

3.2

Encarnação, o resgate da dimensão humana de Cristo

Desde a identificação com o poder político, no século IV, com o Edito de Milão que permitia a liberdade do culto cristão, a Igreja apresentava de muitas formas apenas a figura divina da segunda Pessoa da Trindade. Como descreve E. Male¹², as representações artísticas de Jesus Cristo nas igrejas, especialmente as pictóricas, se referem quase exclusivamente à dimensão gloriosa e eterna de Cristo: ele é desenhado como o Juiz das Nações, o Deus onipotente, o Deus tonitruante, o Mestre da Verdade, o *Kyrios* do mundo, o Soberano supremo, o Doutor, o Rei da Glória, etc. Nessa época, os tímpanos das igrejas e os vitrais eram as únicas páginas “lidas” pelo povo cristão analfabeto da Idade Média, exercendo, por isso, grande influência na sua mentalidade e sua espiritualidade.

Por outro lado, a valorização da humanidade de Cristo é uma tradição que remonta à Igreja pós-apostólica, com Orígenes. Na Alta Idade Média teve impulso com Gregório Magno, com Santo Anselmo e com São Pedro Damiano. Nela Bernardo de Claraval, pode-se dizer, teve um papel destacado. A humanidade de Cristo era objeto constante de suas meditações. E aos seus monges propunha, de preferência, que contemplassem, com tenra emoção, Jesus na sua humilde existência cotidiana. Dentre os mistérios da vida terrestre de Jesus concentrava sua atenção sobre os particulares mais humildes, comovendo-se em ver Cristo viver a nossa vida ordinária e submetendo-se aos nossos hábitos humanos. Recorda o que há de mais humano nas suas virtudes e nos seus sentimentos, nas suas alegrias e nos seus sofrimentos. Todavia, “seus sermões não encontraram muito eco além dos claustros, junto ao povo cristão”, como observa Nguyen-Van-Khanh¹³.

Além desse limite, no centro da espiritualidade de São Bernardo há, por depender da tradicional “teoria do tríplice amor” segundo a qual a humanidade de

¹² E. MALE em suas duas obras (*L'art religieux du XII^{ème} e du XI^{ème} siècles en France*) faz um estudo das principais pinturas de Jesus Cristo nas Igrejas da França e constata que todas retratam o Cristo glorioso, exceto uma que representa Jesus Cristo como *mendigo* (grifo nosso).

¹³ N. NGUYEN-VAN-KHANH (*Gesù Cristo*, 55) diz: “Na prática, não obstante a hesitação de seus contemporâneos como os mestres da escola de São Vitor, São Bernardo lançou os seus discípulos numa nova direção: a contemplação dos mistérios da vida humana de Cristo.(...) Todavia, os seus sermões não encontraram grande eco além dos claustros, junto ao povo cristão. A Providência reservou a Francisco de Assis a graça de atrair os fiéis para o Homem-Deus, Jesus Cristo, revelador do amor do Pai”.

Cristo é apenas uma etapa na ascensão da alma em direção à contemplação do Verbo, um equívoco e uma espécie de “defeito de harmonia” entre a especulação e a prática¹⁴. Como Francisco de Assis não teve acesso à cultura acadêmica, foge, *ipso facto*, dessa armadilha. A representação cênica do Natal de Greccio e suas constantes referências ao mistério da encarnação, o fazem passar como alguém que deu forte impulso à dimensão humana de Cristo, embora sejam bastante escassas as referências precisas aos aspectos propriamente humano-corporais de Jesus Cristo. Sim, ele é extremamente reservado ao referir-se à dimensão humano-cristológica, mas suas poucas e simples palavras são suficientes para remeter a uma compreensão global maior e mais profunda da realidade humano-histórica de Jesus de Nazaré, a encarnação do Verbo de Deus¹⁵.

Se dermos crédito a algumas informações de fontes do século XIII é possível imaginar que Francisco fixasse sua atenção e contemplasse demoradamente os comportamentos práticos de Jesus, talvez mais do que especulações teológicas. Se ele sustentava que os frades não deveriam ter propriedade (e nem posse) de casas, deve-se a que no evangelho Jesus afirma que “as raposas têm tocas e as aves ninhos para pôr seus filhotes, porém o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça” (Lc 9,58; Mt 8,20). E a Legenda Perusina acrescenta um outro dado que não encontra paralelo nos evangelhos e, por isso mesmo, revelador de seu modo de meditar e contemplar a realidade humana de Cristo, desde sua realidade concreta que Francisco também experimentava. Relata aquela fonte: “Quando o Senhor esteve no deserto para jejuar e orar durante quarenta dias e quarenta noites, não mandou construir uma cela nem casa, mas abrigava-se nas lapas da montanha”¹⁶. É possível perceber uma espécie de fantasia realística no sentido de ir além do que os textos

¹⁴ N. NGUYEN-VAN-KHANH (*Gesù Cristo*, 55) recorda aqui, sinteticamente, a teoria sobre a especulação na qual aparece claramente essa dissociação entre as dimensões prática e mental ou intelectual: “no grau da sensibilidade, o objeto da contemplação é a humanidade de Cristo; no grau da razão, a contemplação segue os ensinamentos da fé cristã; e no grau do amor espiritual, o próprio Deus é o objeto da visão”.

¹⁵ Sirvam como exemplo dessas pequenas referências as expressões como: “Foi-nos dado um menino amável, nascido por nós *in via*” (OfP 15,7 - para caracterizar, com grande probabilidade, seu nascimento entre os excluídos); “Nosso Senhor Jesus Cristo ... não se envergonhou de se tornar para nós pobre e hóspede, e vivia de esmolas, ele, a bem-aventurada Virgem e os discípulos” (RNB 9, 5 - para dizer de sua inserção na condição real de vida dos pobres); “o Bom Pastor para salvar suas ovelhas sofreu a paixão e a cruz” (Adm 6,1 - como resumo de todo o sofrimento enfrentado por Cristo Jesus até o processo final de sua morte como condenado religioso-político), e assim por diante.

¹⁶ LP 13.

evangélicos afirmam, sem, contudo, perder o senso da realidade que o circunda. Esse parece ser o modo de Francisco contemplar a humanidade Jesus Cristo¹⁷.

Outro texto importante a analisar para captar tanto a modalidade quanto o valor da humanidade de Cristo para Francisco é o salmo da natividade. Provavelmente, este salmo terá surgido nos meses próximos à realização do presépio de Greccio, ocorrido no final do ano de 1223. Uma vez elaborado, Francisco o inseriu no Ofício da Paixão para ser recitado sete vezes ao dia, durante todo o tempo litúrgico do Natal até a oitava da Epifania¹⁸.

3.3

Encarnação: convite a prosseguir na opção pelos marginalizados

O Salmo da Natividade é o atual salmo de número 15 do Ofício da Paixão, o último da coleção suplementar destinado a celebrar os demais mistérios cristológicos não vividos mais explicitamente no Tríduo Santo¹⁹. Segundo L. Lehmann esse salmo é o mais “pessoal” dentre todos os salmos compostos por Francisco para meditar a vida, paixão e morte de Jesus. Revela-o o fato de possuir o maior número de acréscimos pessoais às citações bíblicas do que qualquer outro salmo de sua autoria²⁰. Para facilitar a análise, o transcrevemos aqui:

- (1) “Jubilai em Deus nosso protetor,
aclamai com vozes de júbilo *o Senhor, Deus vivo e verdadeiro* (Sl 80,2).
- (2) Porque o Senhor é o altíssimo, o temível,
o grande Rei do universo (Sl 46,3).
- (3) *Pois o santíssimo Pai celestial, nosso grande Rei, enviou do alto,
desde toda a eternidade, o seu Filho muito amado,
E ele nasceu da bem-aventurada Virgem Santa Maria.*
- (4) Ele me invocará: Vós sois meu Pai

¹⁷ R. MANSELLI (*Nos qui cum eo fuimus*, 108) entende a posição de Francisco na mesma perspectiva: “Cristo, na simplicidade de interpretação do santo, é colocado numa paisagem de montanhas rochosas de tipo umbro e não no deserto da Palestina”.

¹⁸ K. ESSER (*Gli Scritti*, 430) nota que este salmo era rezado desde a Natividade do Senhor até a oitava da Epifania, em todas as horas canônicas” (Compleatas, Matinas, Prima, Terça, Sexta, Nona e Vésperas).

¹⁹ Trata-se do grupo suplementar de salmos, porque apenas os primeiros sete salmos compunham o Ofício da Paixão propriamente dito. Como suplemento para os demais tempos litúrgicos ou mistérios específicos da vida de Cristo (Advento, Natal, Quaresma, Pentecostes, Ascensão), Francisco criou mais oito salmos rezados em combinação com outros da coleção anterior (na prática, dois foram assumidos literalmente do saltério).

²⁰ L. LEHMANN, *El salmo navideño*, 254. Para facilitar a percepção dos acréscimos de Francisco aos salmos e aos textos do AT, quer com versículos do NT quer com pequenas palavras ou frases pessoais os transcrevemos em itálico. Seguimos nesta observação o estudo deste autor, já que a tradução brasileira atual apresenta muitas deficiências.

- E eu o constituirei meu Primogênito,
 O mais excelso dentre todos os reis da terra (Sl 88,27-28).
 (5) *Naquele* dia Deus nosso Senhor concedeu a sua graça
 E de noite ressoou o seu louvor (Sl 41,9).
 (6) Este é o dia que o Senhor fez,
 Alegres exultemos por ele (Sl 117, 24).
 (7) *Pois foi nos dado um menino amável e santíssimo, nascido por nós*
*in via*²¹ *e deitado numa manjedoura*
Porque não havia lugar na estalagem (Is 9,5; Lc 2,7).
 (8) Glória ao *Senhor* Deus nas alturas
 E paz na terra aos homens de boa vontade (Sl 2,8).
 (9) Alegrem-se os céus, rejubile a terra, ressoe o mar com tudo o que contém,
 Rejubilem-se os campos e o que neles existe (Sl 95, 11-12).
 (10) Cantai ao Senhor um cântico novo
 Cantai ao Senhor por toda a terra (Sl 95,1).
 (11) Porque o Senhor é grande e digno de louvor,
 É mais temível que todos os deuses (Sl 95,4).
 (12) Daí ao Senhor, ó famílias dos povos,
 Daí ao Senhor a glória e o poder (Sl 95,7).
 (13) *Oferecei-lhe em holocausto os vossos corpos e carregai sua santa cruz,*
 (Lc 14, 27)
E observai até o fim a sua santa lei” (1Pd 2,21).

Gostaríamos de chamar a atenção sobre alguns aspectos deste salmo, relacionados à nossa temática.

a) *Sua ampla abrangência.* Este primeiro aspecto mostra que é um salmo que engloba grande soma de dimensões da vida de Cristo. Daí a impressão de ser um salmo holístico²², porquanto abrange todo o percurso da vida de Cristo, desde a manjedoura (nascimento) até a cruz (morte), sua natureza humana e divina (nunca tratadas isoladamente), bem como a urgência e modalidade da resposta humana a este amor de Deus. Em outro aspecto faz referência à majestade (divindade) e à humildade de Deus, isto é, o mistério da infinita grandeza e a máxima pequenez de Deus. E em relação à resposta humana diante da revelação de Deus, o salmo nomeia o louvor e o seguimento através da cruz, abrangendo, destarte, as duas dimensões essenciais da vida humana na fé. Cita, por fim, o ser humano e o cosmos, isto é, engloba toda a criação. Numa palavra, contemplando o Natal, Francisco inclui todo o mistério de Deus, da vida de Cristo e do cristão, bem como toda a vida da criação.

²¹ Preferimos manter aqui, por ora, a palavra de Francisco “*in via*”, no original, para mais abaixo observar com mais calma as diversas possibilidades de tradução e compreensão.

²² L. LEHMANN, *El salmo navideño*, 260: “A característica mais sobressalente do salmo da Natividade de Francisco consiste em contemplar intimamente unidas a manjedoura e a cruz. Francisco não se limita a uma alegria sentimental e que não compromete; ao contrário destaca a seriedade da aventura de Deus que está exigindo resposta de nossa vida. Em seu relativamente curto Salmo da Natividade o Pobrezinho une de maneira assombrosa a majestade e a humildade de Deus, a manjedoura e a cruz, o louvor e o seguimento, o homem e o cosmos”.

Destaque especial merece a profunda unidade que ele capta entre a natividade e a paixão, entre o mistério da encarnação e o da redenção. O v. 6 deste salmo (“Este é o dia que o Senhor fez”) é retirado do salmo 117(118), 24²³. E o v. 5 (“Nesse dia o Senhor enviou sua misericórdia”) é extraído do salmo 41 (42), 9. Ambos, na tradição litúrgica da Igreja têm clara referência ao mistério pascal, o grande evento revelador da misericórdia de Deus. Assim procedendo, Francisco parece dizer que também o Natal é igualmente expressão do mesmo movimento de solidariedade de Deus com toda a humanidade. A Páscoa será o ponto de culminância de uma caminhada iniciada na manjedoura, na periferia social.

b) *Louvor pela vida*. O Salmo é um louvor, mas um louvor que pro-voca e con-voca ao seguimento, como resposta ao extraordinário gesto do amor de Deus. Na parte final deste salmo (vv 12-13), depois de haver meditado o percurso feito pelo Verbo de Deus do trono celeste na glória ao nascimento na exclusão como “menino de rua”, entre os animais, há um convite ao louvor no engajamento da fé, no seguimento das pegadas de Cristo que sofreu por nós, assumindo seus preceitos e sua cruz. O convite consiste em “oferecer” a Deus nossos corpos²⁴, isto é, a totalidade de nosso viver. Como oferecê-lo? Colocando-se por inteiro no cumprimento da vontade de Deus, numa obediência profunda e total a seus desígnios. Oferece-se quem assume a cruz de Cristo e vive com fidelidade os seus mandamentos. Nisto consiste o verdadeiro louvor para Francisco, prestado a Deus com toda a vida, mais que mediante a palavra²⁵. Nesse sentido, a encarnação do

²³ “Este é o dia que o Senhor fez” é o versículo 24 do salmo 117(118), é rezado na Hora Média, durante toda a oitava de Páscoa e nos domingos, dia que se celebra a ressurreição do Senhor. Francisco, tomando-o desse contexto e transportando-o para o Natal, parece querer dizer que a Páscoa está de alguma forma presente no Natal e que o Natal está no mesmo movimento de solidarização de Deus com a humanidade.

²⁴ Sabe-se que Francisco utiliza, assim como o apóstolo Paulo, diversos sentidos da palavra “corpo”. K. ESSER (*Os escritos de São Francisco*, 222-224) resume desse modo os três sentidos de corpo: Pode ser a dimensão física da pessoa; ou o “próprio eu” no sentido de individualidade pessoal; ou o eu egocêntrico com suas tendências negativas e com sua vontade inclinada para o mal. L. LEHMANN, (*El salmo navideño*, 260) neste caso do salmo 15 atribui ao termo corpo outro sentido: a totalidade da pessoa humana, alma e corpo: “A autêntica oferenda consiste em oferecer a Deus nossos corpos isto é, oferecer-nos a nós mesmos, em alma e corpo, carregando a cruz de Cristo”. Melhor ainda seria dizer neste caso específico “oferecer-nos integralmente, com todas as dimensões da vida”, pois desse modo se evita o dualismo grego, muito inadequado para expressar autenticamente a unidade antropológica indivisível que somos.

²⁵ Ao ler os textos sanfranciscanos, tem-se a nítida impressão de sua desconfiança da palavra, talvez, por perceber a grande incongruência entre aquilo que a Igreja e os cristãos em particular afirmam e o que concretamente fazem. Tal desconfiança, por exemplo, poderia ser constatada em: a) na Carta a toda a Ordem (CtOr 41), falando do Ofício divino, Francisco insiste que as palavras devem ser concordes com o espírito e o espírito se harmonize com Deus, evidenciando assim que o fundamental é acolher a dinâmica do espírito de Deus e não rezar ou cantar elegantemente o

Verbo é perfeito louvor ao Pai por ser cumprimento pleno de seu desígnio, no uso igualmente pleno de sua liberdade. Deste movimento os cristãos são convidados a se tornarem partícipes.

c) *Credo Natalino*. Segundo este salmo natalino, a encarnação do Verbo é motivo de grande alegria, tal como diziam as fontes contemporâneas que vimos acima. Encontramos neste salmo uma tríplice exortação à alegria, nos seus versículos 1, 6 e 10: “Jubilai, aclamai com vozes de júbilo, exultemos nele, cantai ao Senhor um cântico novo”. E nos versos que imediatamente seguem esses versículos Francisco apresenta as razões dessa alegria: “Porque o Senhor é o altíssimo, o grande Rei” (v.2); e “porque enviou do alto o seu Filho muito amado” (v.3); porque “foi-nos dado um menino santíssimo” (v. 7); “porque o Senhor é digno de louvor e mais temível que todos os deuses” (v. 11).

Estas razões representam o núcleo da fé cristã: o amor de Deus envolve o universo. Assim o Natal se torna um momento privilegiado da manifestação do plano de Salvação de Deus a respeito de toda a criação. Desse plano participa também a bem-aventurada Virgem Santa Maria. O Filho é o máximo dom do Pai à humanidade e à criação. O Filho “foi enviado” (v. 3); “foi-nos dado um Menino” e “nasceu por nós” (v. 7), são expressões, e no plural, de quem se sente agraciado, não isoladamente mas incluindo a todos e a tudo como destinatários deste imensurável presente. Esta verdade, para Lehmann²⁶, constitui o verdadeiro núcleo da fé do “credo natalino”.

A nosso aviso, porém, neste mesmo “credo natalino” deve-se acrescentar uma conotação que passa despercebida para Lehmann: a de que esta salvação se manifestou na margem da sociedade e não no seu centro. Ao mesmo tempo em que Francisco se alegra pela chegada do Salvador, ele se alegra também porque este Salvador apareceu entre os pequenos e excluídos, revestido da carne de nossa fragilidade quer no sentido biológico, quer no sentido social: nasceu à margem da

Ofício; b) no início da Regra e em mais quatro passagens fala em seguir as pegadas de Jesus Cristo, porquanto as pegadas são uma realidade objetiva; c) na Adm 5,1-2 a “desconfiança” da palavra se apresentaria nesta forma de pensamento: “Considera, ó homem, a que excelência te elevou o Senhor, criando-te e formando-te segundo o corpo à imagem de seu dileto Filho e, segundo o espírito, à sua própria semelhança. Entretanto, as criaturas todas que estão debaixo do céu, a seu modo, servem e conhecem e obedecem ao seu Criador melhor do que tu”.

²⁶ L. LEHMANN, (*El salmo navideño*, 256. O autor diz que os versículos 3 e 7, sobretudo, proclamam o mistério da natividade. E constituem o credo natalício de Francisco e da Igreja.

sociedade (do caminho), porque dentro dela “*não havia lugar para eles*”²⁷. Provavelmente tenha sido essa a razão que o levou em buscar em São Gregório Magno o pequeno acréscimo “*in via*”.

d) *Um Deus marginalizado*. Por fim, talvez o mais importante aspecto do presente salmo para nossa temática. Aflora sobretudo no versículo 7: “Pois foi nos dado um menino amável e santíssimo, nascido por nós ‘*in via*’ e deitado numa manjedoura porque não havia lugar na estalagem”. Este verso, juntamente com o terceiro e o décimo terceiro, revelam a verdadeira originalidade de Francisco, ainda que ele tenha buscado inspiração em São Gregório Magno²⁸. O terceiro e o sétimo versículos fazem parte do núcleo do credo natalino (Deus enviou seu Filho, nascido de Maria, entre os marginalizados), enquanto o décimo terceiro (Oferecer-se a Deus e seguir a Jesus Cristo, carregando sua cruz) manifesta o tipo de resposta humana ao extraordinário gesto de amor solidário do Pai que ele, Francisco, sente dever dar a Deus. Vamos aprofundar o sentido do versículo sete, fundamental para o nosso tema.

Este acréscimo sanfranciscano “*in via*” à antífona da missa de Natal (“Um menino nasceu para nós”) e ao versículo de Lucas 2,7 (“foi colocado numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem”), já observado por N. Nguyen-Van-Khanh²⁹, na prática, não foi criação de Francisco. Félix Accrocca descobriu que a fonte de Francisco foi São Gregório Magno, na sua homilia VIII, centrada em Lc 2,1-14, pronunciada ao povo no dia de Natal, na Basílica da

²⁷ J. I. GONZÁLEZ FAUS (*La Humanidad nueva*, 87) chega a afirmar que “com (o nascimento em) a gruta não há nenhuma escapatória: não tem nenhum significado espiritual como poderia ser o deserto. Não expressa mais que a miséria e a falta de outro lugar. Falta de lugar que Lucas parece haver erigido em tese. Dificilmente se poderá negar que a frase “*não havia lugar para eles*” (Lc 2,7) leva uma segunda intenção, provocativa e pouco mistificadora”. (...) E acrescenta uma citação de E. Bloch que pode ser conferida na nota 77 do capítulo anterior, na qual afirma que não se inventa uma origem tão humilde para um fundador, nem se a mantém permanente.

²⁸ Segundo informações de F. ACCROCCA (“*Natus fuit pro nobis*”, 340), a Homilia de São Gregório Magno sobre o Natal teve enorme difusão na Idade Média, e por isso Francisco a conheceu. Esta homilia não se encontra no Breviário de São Francisco, por ser portátil, com leituras abreviadas. Porém estará integralmente presente no Ordinário da Cúria Romana, também usado pelos Frades Menores e copiado já antes da canonização de Francisco. A nosso aviso, no entanto, a originalidade de Francisco não está em criar a expressão, mas sim na sua capacidade de captar o profundo significado da mesma e de conjugá-la com as outras duas fontes. Esse dado é tão revelador de originalidade quanto o teria sido a criação da expressão. Segundo informações, as novas *Fontes Franciscanas e Clarianas*, quase prontas para publicação, retornam à expressão “no caminho”, ainda que mais literalmente exata, não favorece a compreensão do sentido.

²⁹ N. NGUYEN-VAN-KHANH (*Gesù Cristo*, 76-77): “Este passo é uma livre contaminação da antífona de entrada da missa do dia de natal com a passagem de Lucas 2,7, lido no evangelho da missa da noite natalina”. Aliás, este estudioso também interpreta o acréscimo *in via* como expressão da condição de “peregrino e forasteiro” de Jesus que Francisco irá dizer abertamente em RNB 9,5.

Virgem Maria. Nela o papa afirmava que Jesus nasce “*in via*” e como um estrangeiro³⁰.

Pois bem, no verso sete encontramos o acréscimo inédito da frase “*natus fuit pro nobis in via*” (“nascido por nós *in via*”). Conservamos até aqui no original latino esta expressão (*in via*), porque ela oferece grande dificuldade aos tradutores no momento de substituí-la por outra, da língua local, na tentativa de manter o sentido original que Francisco quis lhe imprimir, como mostram esses exemplos das línguas neolatinas: A versão brasileira, de 1981³¹, traduziu por “nascido por nós à beira do caminho”, introduzindo a expressão “à beira”, no esforço de salvar o sentido original que a simples tradução literal faria perder-se. As *Fonti Francescane*, italianas, preferiram dizer simplesmente “*per noi è nato lungo la via*”. Neste caso, felizmente, a mesma palavra (“*lungo la via*”) permite as duas interpretações: tanto ao longo ou à beira do caminho, quanto simplesmente “no caminho”. A opção por um ou outro significado depende do contexto em que se encontra ou da ótica de quem a lê. A edição da BAC (espanhola), transladou por “*naciò por nosotros fuera de casa*” (nascido por nós fora de casa). Introduziu o termo “casa”, aparentemente estranho ao texto, mas não ao conteúdo original. Por fim, os franceses, de seu lado, optaram por manter a literalidade: “*il est né pour nous en chemin*”, (nascido por nós “no caminho”, podendo-se entender, como no italiano, quer “durante a viagem”, quer “ao longo do caminho”). Provavelmente, ninguém se atreveria levantar a suspeita de que Francisco imaginasse, com seu pequeno acréscimo “*in via*”, o nascimento de Jesus literalmente “na estrada ou na rua”, no lugar onde transitam as pessoas e animais. Esclarecer a questão, nos parece um importante meio para captar melhor seu sentido.

No segundo século da era cristã, surgiu a tradição do nascimento de Jesus numa gruta, pois naquela região há, de fato, muitas grutas. Porém os evangelhos

³⁰ Eis o pensamento completo da Homilia de Gregório Magno, conforme o artigo de F. ACCROCCA (“*Natus fuit pro nobis*”, 341) “Portanto, o lugar em que o Senhor nasce, já foi anteriormente chamado de “casa do pão”, pois no futuro assim deveria ser, uma vez que, Aquele que aparecerá na matéria da carne, alimentará à saciedade as almas dos eleitos. Aquele que, não na casa dos pais, mas no caminho (*in via*) nasce, como de fato aconteceu, por haver assumido a humanidade, nascia como um estrangeiro”.

³¹ Na realidade, se trata ainda da tradução de Frei Edmundo Binder, publicada em K. ESSER e L. HARDICK, *Os Escritos de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1970. Por ocasião da publicação das “Fontes Franciscanas”, em 1981, a tradução dos escritos de Francisco foi aproveitada quase literalmente.

não falam em gruta, e sim em casa³². A versão lucana da vulgata, realizada por São Jerônimo enquanto residia naquela mesma região, usou o termo “*diversorium*” (estalagem) para designar o local, onde José e Maria não encontraram lugar para o parto do filho³³. Não deve ser uma palavra casual, porque Lucas usa, nesta passagem, uma palavra diferente da empregada mais adiante (Lc 10,34), para designar o abrigo onde o bom samaritano deixou o homem ferido, que recolhera no caminho. As traduções brasileiras seguem a mesma lógica: dizem “estalagem” para o primeiro caso (*diversorium*) e “hospedaria”, (*stabulum*), para o segundo. Em ambos os casos, trata-se de um lugar público, destinado a hóspedes. No primeiro, porém, deve ser entendido como sendo um “espaço para uso gratuito” das caravanas de transeuntes (o caravançará)³⁴. Nem neste caravançará havia lugar para eles. Lucas, dessa forma, quis, provavelmente, indicar que Jesus teria nascido, ao lado do caravançará, entre os animais e, por isso, teria sido posto na cocheira (manjedoura ou presépio), onde era servida a alimentação para os animais. Francisco, com seu hábito de imaginar concretamente as cenas reais, lê essa circunstância do nascimento de Jesus Cristo como sendo a condição de uma verdadeira exclusão social. Jesus poderia ser visto, no momento do nascimento, qual “menino de rua”³⁵.

³² Mateus não conta propriamente o nascimento, mas em 2,11 diz que os magos se alegraram quando voltaram a ver a estrela. Seguiram-na até o local onde estava o menino. “Entrando na casa, acharam o menino com sua mãe”.

³³ Esta é a frase da vulgata: “*Quia non erat locus eis in diversorio*”. Como sabemos, *diversor, oris*, significava hóspede, no sentido de ser alguém estranho à família, que é diferente dela. Provém dele, etimologicamente, conforme o Dicionário Houaiss, o adjetivo “diverso” em português. O original grego do texto evangélico de Lucas, ao se referir ao nascimento de Jesus usa o termo *katalyma*; e para designar a hospedaria do bom samaritano emprega *pandocheion*. A diferença na terminologia, entre *diversório* e *katalyma* por um lado e, de outro, *stabulum* e *pandocheion*, poderia residir, na opinião de I. Mazzarolo, no aspecto econômico relacionado aos referidos locais: o primeiro se destinava mais às pessoas simples, e não era pago; ao passo que para o segundo, havia necessidade de pagamento para poder ser utilizado. Não estaríamos, assim, também por este caminho filológico, diante de um forte indício de comprovação de que Jesus não encontrou lugar nem entre os pobres? Reconhecemos, porém, que o assunto precisa ser aprofundado também do ponto de vista religioso-cultural (nascimento de uma criança em lugar público; tocar no sangue etc).

³⁴ A Bíblia, tradução TEB, 1997⁵, página 1972, em nota de rodapé a Lc 2, 7, explica que o caravançará era um galpão utilizado pelas pessoas, o qual geralmente tinha ao lado um abrigo para animais. De fato, o caravançará, segundo o dicionário de português de Antônio Houaiss, é uma estalagem típica das regiões semidesertas do Oriente Médio que comportava, contíguo, um abrigo para os animais que acompanhavam os peregrinos. Por sua vez, a edição de L. A. SCHÖKEL (*Bíblia do Peregrino*, 2457) observa que, “além das representações tradicionais, podia tratar-se de uma casa semi-escavada na rocha ou de uma gruta adaptada como moradia, com uma habitação familiar e um recinto contíguo como estábulo”.

³⁵ S. LÓPEZ (*Jesucristo leído desde la pobreza*, 106) usa estas mesmas palavras ao comentar RNB 9,5: “Jesus Cristo, segundo a contemplação de Francisco, foi pobre, necessitado, hóspede, nascido na rua, porque não havia lugar na pousada, e viveu de esmola”. (grifo nosso)

Francisco, com certeza, não tinha essas informações geográficas e históricas sobre o nascimento de Jesus. Mas sua expressão tão peculiar, “*in via*”, se torna profundamente reveladora. Embora difícil de traduzir, essas palavras são portadoras de uma profunda intuição que ultrapassa o sentido literal. Desse modo, a nosso aviso, a tradução mais pobre seria a mais literal: “nascido no caminho”, entendendo-se caminho como sinônimo da viagem de Nazaré até Belém para a família de José e Maria se apresentarem para o recenseamento. Lehmann prefere manter esta lógica de tradução. Porém, ao comentar o salmo, sabiamente, explica que “*in via*” “resume tanto a fadigosa viagem de cinco dias a pé desde Nazaré quanto a angustiosa busca de alojamento em Belém, fatos apenas mencionados levemente nos evangelhos, mas amplamente descritos nos “beléns” e nas representações natalinas”. Numa palavra, “Jesus nasceu durante a viagem, veio ao mundo fora de casa, ao tempo”³⁶ (grifo nosso).

A versão atual brasileira “nascido por nós à beira do caminho”, embora não tecnicamente exata e bastante poética, guarda com fidelidade a imagem daquilo que Francisco poderia estar entrevendo já no fato do nascimento de Cristo: um Jesus rejeitado e marginalizado desde o primeiro momento da vida. Entendemos que este seria o sentido mais provável do “*in via*” de Francisco, uma vez que não encontrou lugar nem nos caravanchas ocupados gratuitamente pelas caravanas. Lehmann parece captar o profundo alcance desde pequeno acréscimo de Francisco sobre toda a vida de Cristo: “este acréscimo, por pequeno que seja, lança um raio de luz sobre a pobreza e a itinerância de Cristo, tal como Francisco as entendia”. Desde “o próprio nascimento, Jesus começa um caminho de itinerância voluntária e sem domicílio fixo. Desse modo viverá, mais tarde, durante sua vida pública³⁷. Será sempre um “peregrino e forasteiro”, sem ter onde repousar a cabeça. Este dado nos ajuda a entender que Francisco também escolha, para si e para seus companheiros, uma forma de vida que traduza esta condição de exclusão social: ser forasteiro e peregrino (RB 6,2; Test 24), não se identificando com nenhum grupo social que tenha direitos exclusivos sobre o que quer que seja que acabe impedindo o livre acesso aos mesmos para os demais. É esse o sentido verdadeiro

³⁶ L. LEHMANN, *El salmo navideño*, 258.

³⁷ É o que afirma também Sebastián LÓPEZ (*Cristología de S. Francisco. Sus notas*, 101): “O primeiro dos traços característicos da pobreza de Jesus Cristo que “saltou aos olhos e ao coração de Francisco, foi o dado de que Jesus Cristo, ‘nasceu fora de casa’, foi colocado numa manjedoura, porque não havia lugar para ele no caravanchá”.

e profundo da pobreza franciscana: seguir as pegadas de Cristo que se associou aos mais relegados e, ao mesmo tempo, meio de partilhar de sua condição real de vida.

É importante observar que essa leitura do “*natus pro nobis in via*” como opção pela exclusão social, encontra respaldo em outros pensamentos de Francisco já elencados. Na Carta aos Fiéis, por exemplo, Francisco dirá que “Jesus recebeu a carne de nossa humanidade e fragilidade, e escolheu, com a bem-aventurada mãe, a (vida de) pobreza”(2CtFi 4-5); “Ele se humilha todos os dias, tal como na hora em que desceu do trono real para o seio da Virgem”(Adm 1, 16-18); e que “Jesus não se envergonhou de e tornar para nós pobre e peregrino” (RNB 9,5). Nestas passagens há um processo de despojamento, um movimento de descida aos últimos, assumido como “opção” de vida. Realmente, Jesus “escolhe” este processo de humilhação, e o expressa já antes e através de seu nascimento. Nessa liminaridade social, Jesus permanecerá toda a vida. Desde o nascimento, Jesus se identificou com aqueles que “estão à beira da sociedade”, com os “meninos de rua”, com os sem teto, com todos os excluídos sociais. Desde o nascimento, mostrou claramente a opção de participar da condição dos relegados sociais. Sua vida posterior será, apenas, uma decorrência lógica desta opção fundamental presente no Plano da Salvação do Pai: ser pobre, forasteiro e peregrino, viver de esmolas, não ter onde repousar a cabeça. Então, “seguir os passos de Jesus”, para Francisco, significará, a partir desta “façanha” de Cristo vivida no nascimento, reviver esta mesma solidariedade, dentro das novas circunstâncias de espaço e tempo em que cada seguidor de Cristo se encontrar.

3.4

Encarnação, expressão da solidariedade trinitária

Francisco de Assis tinha o costume de contemplar as realidades da fé no seu conjunto e não isoladamente. Assim, ao falar de Jesus Cristo, por exemplo, mais que pequenos detalhes como fazia São Bernardo no século que o precedeu, apresentava uma visão global da vida, da missão ou do mistério pascal como podemos constatar facilmente em 2CtFi 4-13 e PPN 8. Mesmo quando trata apenas de um aspecto, como este da encarnação, geralmente o enquadra no grande

e fundamental mistério da fé, o mistério trinitário³⁸. Fala do Filho sempre em relação ao Pai, agindo sob o impulso do Espírito Santo³⁹. Seu cristocentrismo é tão somente admissível enquanto caminho único para o Pai⁴⁰, e não no sentido de quase desconhecer a presença e atuação das outras duas pessoas da Trindade. É natural, então, que também o mistério da encarnação seja contemplado no interior do mistério trinitário.

Para Francisco, o “Filho é o enviado do Pai” (2CtFi 4; OfP 15,3); é o “Verbo de Deus”, que “tomou carne” no seio da Virgem Maria (2CtFi 3-4)⁴¹. Jesus é a presença encarnada do Filho de Deus junto à humanidade: “o altíssimo Pai enviou seu Filho do céu” (2CtFi 4). Na visão de Francisco, Jesus obedece à

³⁸ Optato van ASSELDONK (*La lettera e lo Spirito*, II, 502), um estudioso, capuchinho, que dedicou muitos anos ao aprofundamento da espiritualidade de Francisco, no final de sua vida, escreveu: “Cristo é sempre visto e vivido por Francisco como Deus-Homem, Filho do Pai, no Espírito Santo. Neste contexto trinitário se deve ver o papel de Cristo pobre, humilde, crucificado-eucarístico, tão central na sua espiritualidade. A verdadeira novidade (relativa) de Francisco é sua mística do Cristo pobre, humilde, crucificado-eucarístico sempre como Deus-Homem, Filho do Pai, no Espírito Santo, celebrado junto com toda a humanidade, no céu e na terra, com todas as criaturas”

³⁹ Michel HUBAUT (*Il mistero della Trinità*, 104) escreve: Para Francisco, “seguir as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo significa seguir as pegadas do Filho, animado pelo Espírito, totalmente orientado para o Pai. (...) Seria desconhecê-lo reduzir sua espiritualidade somente à dimensão cristológica. (...) Ele nunca contemplou o Cristo fora de sua relação filial com o Pai e da sua disponibilidade total ao Espírito”. E N. NGUYEN-VAN-KHANH (*Gesù Cristo*, 100-128) mostrou, inclusive, que Francisco não considera apenas o Pai Criador, mas a Trindade é criadora. De modo semelhante, os títulos Redentor e Salvador, utilizados tradicionalmente pela teologia de modo exclusivo para o Filho, Francisco os atribui igualmente ao Pai. Também Optato van ASSELDONK (*Altri aspetti giovannei*, 467), em base aos estudos deste frade vietnamita, sintetiza a holística visão cristológica de Francisco em 4 pontos: a) Cristo é sempre visto e vivido em íntima união com o Pai e o Espírito Santo; b) Cristo é sempre visto e vivido na unidade de sua Pessoa de Filho do Pai e não na diversidade das duas naturezas, humana e divina; c) Cristo é sempre visto e vivido na totalidade do mistério salvífico, isto é, enquanto começa com a criação, continua na redenção e termina com a salvação definitiva na vinda gloriosa no fim dos tempos; e, por último, d): Cristo é sempre visto e vivido na sua universalidade, junto com toda a criação, anjos, homens e o cosmos inteiro, de todos os tempos”.

⁴⁰ “Frequentemente se dizia que Francisco era cristocêntrico. É verdade, mas não de modo absoluto. É mister entender corretamente. Francisco não considera Cristo em si mesmo e de modo isolado. Ele o vê sempre como mediador, isto é, em relação de um lado com o Pai e de outro com os homens. Às vezes se esquece que sua espiritualidade nasce no Espírito e vai em direção ao Pai, por Cristo”, escreve, Jean de SCHAMPHELEER. *Fino alla Croce*, 69. E outro seu confrade, Gérard GUITTON (*La sequela di Cristo*, 61), concluiu um artigo com estas palavras: “Frequentemente se afirmou que a espiritualidade franciscana é cristocêntrica. (...) A alma franciscana centra toda sua vida em Cristo, mas não se imobiliza em um intimismo que limita. Busca Cristo como um centro dinâmico que a lança diretamente em Deus. Por isso, se trata de um verdadeiro cristocentrismo e não de um pancristismo, como se poderia dizer da espiritualidade beneditina”.

⁴¹ 2 *Carta aos Fiéis* 3-5: “Por isso, considerando que não posso visitar a cada um em particular, por causa da enfermidade e debilidade de meu corpo, fiz o propósito de comunicar-vos por meio das presentes letras e de mensageiros as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, *que é Palavra do Pai*, bem como as palavras do Espírito Santo, que são ‘espírito e vida’. Esta palavra do Pai, tão digna, tão santa e tão gloriosa, *o altíssimo Pai a enviou do céu*, por seu arcanjo São Gabriel, ao seio da Santa Virgem Maria, de cujo seio recebeu a verdadeira carne da nossa humanidade e fragilidade” (grifo nosso).

dinâmica do amor (solidário) originado no Pai: o Filho “desce (através da Eucaristia) todos os dias do seio do Pai”; “o Pai o fez nascer”; que “o Pai nos deu”; “foi-nos dado (pelo Pai) um menino amável e santíssimo” (OfP 15,7)⁴², são algumas expressões correntes na sua linguagem que revelam a estreita relação percebida, pelo nosso santo, entre Cristo e o Pai. É fácil notar que, em Francisco, o Pai, primeira pessoa da Trindade, é a relação de origem e destinação para o Filho e se constitui em toda a sua riqueza⁴³. Jesus, ciente da presença do Pai nele, mediante sua comunhão profunda, e mediante o Espírito Santo, pôde dizer: “Felipe, quem me vê, vê o Pai” (Jo14, 9; Adm 1,4). A solidariedade que Francisco vê espelhada na vida e obra de Jesus Cristo, na verdade, é participada pelas três pessoas da comunidade trinitária, em toda as dimensões.

Porém, além de ver Jesus Cristo como o enviado pelo Pai, Francisco vê o Verbo encarnado também como o único mediador, a única via de acesso ao Pai: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”⁴⁴. Com esta citação introduz, na primeira Admoestação, a reflexão teológica sobre nosso acesso e possibilidade de conhecimento de Deus. O Espírito Santo que o Cristo enviou com seu retorno ao Pai, agindo em nós, possibilita que reconheçamos a presença do Filho único de Deus, tanto no homem Jesus quanto no pão consagrado⁴⁵. A exclusividade de

⁴² Transcrevemos aqui o pensamento completo onde se encerram estas quatro últimas expressões, a fim de melhor perceber sua riqueza e contexto, destacando-as em itálico. Ei-las, na respectiva ordem: 2CtFi 16-18: “Eis que ele se humilha todos os dias, tal como na hora em que, descendo do trono real para o seio da Virgem, vem diariamente a nós sob aparência humilde; todos os dias *desce do seio do Pai* sobre o altar, nas mãos do sacerdote”; RNB 23,3: “E rendemo-vos graças porque, se por vosso Filho nos criastes, pelo mesmo verdadeiro e santo amor com que nos amastes *o fizestes nascer*, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem, da gloriosa, beatíssima, santa e sempre Virgem Maria”; 2CtFi 11: “Ora, a vontade do Pai era que seu bendito Filho glorioso que *nos havia dado* e o qual por nós nascera, se oferecesse a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz”; e, por último, OfP 15,7: “Pois *foi nos dado* (pelo Pai) um menino amável e santíssimo, nascido por nós à beira do caminho e deitado numa manjedoura, porque não havia lugar na estalagem”.

⁴³ Francisco repete várias vezes que Deus Pai é “todo o Bem”, quer para nós, quer para o próprio Cristo: RNB 17,17-18; 23,8-9; BLe 3-4.

⁴⁴ O. van ASSELDONK (*Insegnamenti biblici “privilegiati”*, 101-102) constata que esta frase de São João se encontra três vezes nos escritos de Francisco (Adm 1,1; RNB 22,40 e Fragm I, 26) e que se encontra dentro da citação mais longa dos evangelhos, sem que tenha recebido alterações significativas. Ressalta ainda a importância da palavra “vida” para Francisco, uma vez que a repete 63 vezes em seus escritos, (“Regra” só aparece 26 vezes). Por vezes a palavra vida substitui a palavra Regra, levando-nos a concluir que Jesus Cristo é, de fato, nossa vida (no sentido de se constituir em regra de viver).

⁴⁵ Afirma com toda a clareza que só pelo Espírito Santo podemos receber e conhecer a Cristo: “O Pai habita numa luz inacessível, e ‘Deus é um espírito’ e ‘ninguém jamais viu a Deus’. Se Deus é um espírito, só em espírito pode ser visto; pois ‘o espírito é que dá a vida, a carne não aproveita para nada’. Por isso, é o Espírito do Senhor, que habita nos seus fiéis, quem recebe o santíssimo corpo e sangue do Senhor” (Adm 1,5-7.12). Esta compreensão pode ser confirmada também pela

Jesus Cristo como acesso ao Pai se dá, tanto porque Ele é a única possibilidade de salvação⁴⁶ (por isso seguir suas pegadas é caminhar rumo à salvação), quanto por ser o Filho o único que pode fazer chegar o devido louvor ao Pai. Ele somente “satisfaz o Pai por tudo”⁴⁷. Ele é a suficiência do Pai, como diz S. López⁴⁸. Pode-se, pois, concluir que este modo de Francisco se referir à encarnação faz com que ela seja entendida como expressão da Trindade divina e não somente do Verbo de Deus; que a própria Trindade vive uma determinada “marginalização”, ou dizendo diversamente, Deus é constitutivamente um Deus da margem, um “Deus marginal”, na chocante expressão da teóloga argentina⁴⁹, devido a esse “estado de solidariedade” com toda a criação, desde os mais excluídos, como se manifestou na pessoa de Jesus Cristo.

3.5 Encarnação, modo de ser de Deus

Como já dissemos, Francisco é extremamente reservado em fornecer detalhes das vicissitudes da vida terrena de Jesus Cristo. Mesmo se devem ser sempre acolhidas com certa cautela algumas informações de seus biógrafos

modalidade de abordar a vida do seguidor de Cristo (RNB 2,1; RB 12,1), pela insistência em mencionar a Trindade (OfP ant; FVi 1), por colocar o Espírito Santo como o maior dom a ser buscado (RB 10,8), por proclamar o Espírito Santo como a verdadeira e suprema autoridade a quem devemos todos obedecer (2Cel 152) etc.

⁴⁶ Francisco diz na 2CtFi 11-14: “Ora a vontade do Pai era que seu bendito Filho glorioso que nos havia dado e que por nós nascera, se oferecesse a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz, não para si mesmo, ‘por quem foram feitas todas as coisas’, mas em expiação dos nossos pecados, legando-nos um exemplo para que seguíssemos suas pegadas. E *Ele quer que todos sejamos salvos por Ele* e o recebamos de coração puro e corpo casto” (grifo nosso). A mesma idéia está presente em RNB 23,8 (somente sua misericórdia nos salvará) e 2CtFi 34 (E estejamos todos firmemente convencidos de que *ninguém pode salvar-se a não ser pelas santas palavras e pelo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo*). (grifo nosso)

⁴⁷ RNB 23, 5: “E porque todos nós, miseráveis pecadores, não somos dignos nem sequer de pronunciar vosso nome, suplicantes vos pedimos que Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso dileto Filho, em quem tendes vossa complacência, vos renda graças, juntamente com o Espírito Santo Paráclito, por tudo, conforme agradar a vós e a Eles. Pois é Ele quem vos satisfaz por tudo, e por intermédio dele nos cumulastes de tantos bens. Aleluia”. Igualmente no *Cântico do Irmão Sol* Francisco diz na primeira estrofe: “Altíssimo, onipotente e bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção. A ti somente, Altíssimo, eles convém e homem algum é digno de sequer dizer teu nome”.

⁴⁸ S. LÓPEZ. *Cristologia de S. Francisco. Sus notas*, 132. Esta idéia está ainda melhor desenvolvida no artigo *Cristo, suficiencia de Francisco*, publicado ainda em 1971 na revista *Verdad y Vida*, especialmente às páginas 345-347.

⁴⁹ Marcella ALTHAUS-REID em artigo na conceituada revista de teologia *Concilium* sob o título: “*O Êxodo divino de Deus...*” sustenta que um Deus na margem é uma visão inofensiva do Deus marginal, isto é, o Deus que faz da margem o seu verdadeiro lugar, aliás também porque as margens não são margens, mas geografias com legítimo direito. Essa é a verdadeira imagem de Deus a ser redescoberta sempre de novo.

oficiais⁵⁰, certamente as notícias de Celano, seu primeiro biógrafo, sobre nosso tema, podem contribuir positivamente para configurar uma compreensão da encarnação com maiores nuances. Em sua primeira biografia, em 1228, quando Francisco tratou de organizar o Natal de Greccio, Celano narra que ele “queria lembrar o menino nascido em Belém, os apertos que passou e como ele ficou em cima da palha, entre o boi e o burro”. Trata-se, na realidade, de uma descrição plástica do estado de uma criatura inerte, rejeitada pelos homens, mas acalentada por animais. Ainda que expressos de forma poética ou plástica, são dados reveladores do verdadeiro estado de pobreza e, sobretudo, de exclusão social assumida pelo Filho de Deus no momento do nascimento, que o leitor avisado pode captar e organizar sistematicamente.

E na segunda *Legenda*, Celano escreve ainda que o “Deus feito menino pobrezinho, dependeu de peitos humanos”. No parágrafo seguinte, acrescenta a reação de Francisco diante da cena do presépio: “ele não podia recordar sem chorar, toda a penúria de que esteve cercada a pobrezinha da Virgem”. Certa feita, ao ser lembrado pelos confrades da pobreza da Virgem e da miséria de Cristo seu Filho em Belém, levantou-se da mesa e foi comer ao chão, banhado em lágrimas, soltando dolorosos soluços. “A pobreza, dizia, brilhava de maneira tão significativa no Rei e na Rainha”⁵¹. Encontramos aqui um Francisco compadecido pela aniquilação do Verbo de Deus (reduziu-se à condição de dependência total de uma criatura humana) e condoído com o sofrimento do recém-nascido e de sua mãe. É um modo poético, mas não menos verdadeiro de apresentar a *quénosis* do Verbo.

Porém, quando o próprio Francisco escreve, podemos constatar a mesma compreensão, através de expressões mais familiares e teológicas, tais como: “foi-nos dado um *menino*”(OfP 15,7), “que todos os dias *desce* do seio do Pai sobre o

⁵⁰ Frei Tomás de Celano é, apenas para lembrar, seu biógrafo oficial em duas oportunidades: primeiramente, em 1228, quando escreveu a I Vida de S. Francisco, a pedido do papa, por ocasião da canonização do santo e, depois, em 1247-8, então designado pelo ministro geral, Frei Crescêncio de Jesi, para reelaborar sistematicamente as memórias sobre Francisco que os frades lhe haviam enviado. O segundo biógrafo oficial foi Boaventura. Este recebeu o encargo de escrever a Vida de Francisco (*Legenda Maior*) no capítulo de 1260. Apresentou-a aos confrades no capítulo de 1263. E depois, devido ao grande conflito então existente entre as várias correntes de frades a respeito da visão do fundador, numa atitude que gerou um enorme e irreversível prejuízo para a história de nosso santo, em 1266, infelizmente, assinou, com o apoio dos capitulares, o decreto da busca e destruição de todas as demais fontes anteriormente escritas.

⁵¹ Respectivamente, 1 Cel 84 e 2 Cel 199-200. Esta última pericope termina com esta afirmação: “Ficai sabendo, filhos, que a pobreza é o caminho especial da salvação, que seu fruto é enorme, mas são poucos os que o conhecem”.

altar” (Adm 1, 18), ele “recebeu a verdadeira carne de nossa humanidade e fragilidade” (2CtFi 4), “preferiu escolher a pobreza” (2CtFi 5). Sim, “o Senhor do universo *se humilha* a ponto de se esconder na aparência do pão” (CtOr 27). Mas já havia “nascido por nós fora de habitações humanas”(in via) (OfP 15,7) etc. É possível sentir, claramente, por trás destas breves referências, a profunda ressonância de uma experiência forte do ser divino, vivendo a lógica do esvaziamento, do despojamento, da descida ao nível dos últimos, da aniquilação (Fl 2, 7-8; Is 53,2-3).

Interessa-nos agora acenar para o significado da encarnação para Francisco. A encarnação é uma *quénosis* de Deus e expressa o total despojamento da glória de Filho de Deus, de sua “riqueza” divina, para assumir a fragilidade humana. Francisco emprega, no seu linguajar popular, diversas vezes, o verbo “descer”⁵², menos em um sentido geográfico-espacial do que símbolo da aniquilação, do rebaixamento, do esvaziamento da glória de Deus para fazer-se homem-escravo. Vários estudiosos vêem essa *quénosis* como a intuição teológico-cristológica básica de Francisco⁵³. Ela se expressa de modo mais evidente nos principais momentos de sua vida (manjedoura, cruz e altar = nascimento, morte e eucaristia), mas se prolonga e se espraia por todos os momentos e dimensões da vida de Jesus Cristo, até culminar na cruz⁵⁴. Nesta perspectiva, longe de ser um ato isolado e estanque, a encarnação é uma ação divina paradigmática⁵⁵. Quer dizer, ela, de certo modo, não se encerrou, mas continua se realizando ininterruptamente. Esta é

⁵² Este verbo “*descendo*” aparece três vezes em Francisco. Segundo N. NGUYEN-VAN-KHANH (*Gesù Cristo*, 148) o pensamento de Francisco percorre o caminho de uma extremidade a outra: de Deus até o homem; “é um movimento de descida que o Verbo do Pai fez, deixando sua glória divina para fazer-se um homem pobre entre os homens”. Talvez se possa entrever nesta concepção indícios de Êxodo 3,7-8 onde o próprio Deus se manifesta dizendo que viu, ouviu e desceu... Iguamente de 2 Cor 8,9: “Sendo rico, se fez pobre por nós”; e também de Fl 2, 6-7, que a edição 2002 da *Bíblia de Jerusalém* apresenta desse modo: “Ele, estando na forma de Deus, não usou seu direito de ser tratado como um deus, mas se despojou, tomando a forma de escravo”.

⁵³ A. GERKEN (*La intuición teológica*,) a compreende como aniquilação divina no sentido ontológico como encontramos na carta de Paulo aos Filipenses 2, 6-8. Já Sebastián LÓPEZ (*El acontecimiento Jesucristo desde la pobreza*) lê a *quénosis* em chave de pobreza, mais teológica que social porém. E G. IAMMARRONE (*La cristologia francescana*) entende que se trata do amor *quenótico*. Também F. VARILLON (*L’Humilité de Dieu*, 431) prefere chamá-la simplesmente de humildade.

⁵⁴ G. MICCOLI (*Seguire Gesù povero*, 34) escreve que “a cruz – o sacrifício da cruz – é sinal e símbolo da tal submissão e o ponto de culminância, ao mesmo tempo, da ‘lógica’ que havia guiado a encarnação. A encarnação, afinal, é a premissa, não apenas temporal, mas lógica, da cruz. A cruz desvela o sentido profundo da encarnação”. Na página seguinte dirá que esta lógica fundamenta a proposta de vida de Francisco entre os excluídos da sociedade.

⁵⁵ A. GERKEN. *La intuición teológica*, 171: “Quando Deus se revela, sua ação é paradigmática e universal; do contrário não seria ação de Deus. Por isso quanto acontece com a encarnação do Filho de Deus tem expressão e alcance universal e vinculante”.

a razão pela qual nós podemos “gerar Cristo mediante nossas obras”⁵⁶. “Na encarnação de seu Filho, Deus se fez presente com seu amor e com sua luz de maneira definitiva e para sempre, na noite de sua distância e de abandono, na noite de Belém. (...) Deus assumiu a fragilidade do homem, fazendo seu o destino do homem. O amor onipotente de Deus fez da obscuridade sua própria casa e o lugar onde brota seu fulgor”, acrescenta o mesmo autor duas páginas adiante.

Também segundo Nguyen-Van-Khanh⁵⁷, a encarnação é uma dinâmica de esvaziamento, um movimento ininterrupto de descida da glória, cujo ponto de culminância será a paixão e a morte. Esta é a razão que faz Francisco associar, como vemos pelo salmo 15 do Ofício da Paixão, a paixão à natividade. O que impacta fortemente o *Poverello* não é tanto a situação de sofrimentos físicos do Filho de Deus como a fome, o frio, o cansaço, os desprezos, os ultrajes e a própria crucificação (embora desse grande valor e lhe fosse parâmetro de vida), quanto o movimento do amor onipotente que impeliu o Filho de Deus a abandonar a glória celeste para viver pobremente entre nós, os homens⁵⁸.

A este movimento do amor de Deus de descer entre os homens qual criatura inerme, frágil e rejeitada, Francisco denomina, simplesmente, de “humildade”⁵⁹. Ele contempla a humildade qual configuração existencial do próprio Deus: Deus é, desde toda a eternidade, humilde. Esta não é, pois, uma virtude só possível em Jesus Cristo como ensinava a teologia naqueles séculos⁶⁰. Ele está convencido,

⁵⁶ “E somos mães (de Jesus Cristo), quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo, por virtude do amor divino e de uma pura e sincera consciência; nós o geramos por uma vida santa, que deve brilhar como exemplo para os outros” (1CtFi 1,10). O mesmo pensamento é repetido quase literalmente em 2 CtFi 53.

⁵⁷ N. NGUYEN-VAN-KHANH. *Gesù Cristo*, 152: “A encarnação não é uma situação estática, mas um movimento de descida em que o termo de chegada é a paixão e a morte. Por isso, na mente de Francisco, a paixão está intimamente ligada à natividade”.

⁵⁸ N. NGUYEN-VAN-KHANH. *Gesù Cristo*, 149: “Francisco não especula os detalhes da vida terrena do Verbo encarnado. Prefere perscrutar o amor condescendente de Deus. O que choca ao santo de Assis, sobretudo, não é o desenvolvimento da vida de Cristo, mas sua aniquilação, o movimento de amor que impeliu o Filho a abandonar a glória celeste para viver pobremente entre os homens. Toda a atenção franciscana se volta para o fato da encarnação como tal, mais que sobre as peripécias da vida humana de Cristo”.

⁵⁹ No *Bilhete a Frei Leão*, escrito no Alverne, logo após a experiência mística dos Estigmas, Francisco, dirigindo-se ao Pai, entre outras coisas lhe atribuía: “Tu és o Bem, todo o Bem, o sumo Bem... Tu és amor, caridade. Tu és a humildade”. Já na *Carta a Toda a Ordem*, Francisco mostra a humildade de Deus presente em Jesus Cristo: “Ó grandeza maravilhosa, ó admirável condescendência! Ó humildade sublime, ó humilde sublimidade! O Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para nosso bem, na modesta aparência do pão. Vede, irmãos, que humildade a de Deus!” (CtOr 27-28).

⁶⁰ A. GERKEN. *La intuición teológica*, 186: “Na teologia da Igreja existia uma ampla e prolongada tradição que afirmava que só pode ser humilde o Filho de Deus feito homem, porém, não Deus em

mesmo sem estudar teologia, de que a humildade do Filho de Deus feito homem é a revelação de uma humildade existente desde sempre no coração de Deus. A humildade em Deus outra coisa não é que o amor que se “retrai”, “assumindo nossa carne (realidade) de humanidade e fragilidade” em Jesus Cristo. Nesse sentido, ela é “simplesmente outra denominação do amor de Deus pelos homens”⁶¹ e, conseqüentemente, outro nome da encarnação. A humildade da encarnação se transforma, desse modo, em um dos gestos paradigmáticos reveladores do amor de Deus. Em sua raiz, a humildade é, pois, um ato de Deus mediante o qual faz dom de si mesmo ao homem. É o poder de Deus de se esvaziar, doando-se⁶². Seu ponto de culminância é a cruz. A humildade humana, em correspondência, será, igualmente, um dom de si mesmo em resposta à iniciativa do amor primeiro: “Nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vos receba, quem totalmente se vos dá” (CtOr 29).

Por isso, o mistério da encarnação se torna, para Francisco, uma das chaves de leitura de todo o mistério cristológico e mesmo trinitário, enquanto a Trindade participa do projeto e da história do Verbo encarnado. Ainda que a encarnação propriamente dita aconteça unicamente com a pessoa de Jesus Cristo, nascido em Belém, enquanto ação paradigmática de Deus, porém, continua se prolongando na história. Francisco a vê e venera na Eucaristia⁶³, nos ministros da Igreja mesmo

si mesmo. Ao contrário, para Francisco é decisivo que a humildade, assim como o amor, se afirme do próprio Deus, em sua eternidade”.

⁶¹ N. NGUYEN-VAN-KHANH. *Gesù Cristo*, 149-150. Igualmente, A. GERKEN (*La intuición teológica*, 187) escreve que “o abaixamento de Cristo na encarnação brota do amor de Deus, porém de um amor especial. Brota de um amor e se expressa em um amor que vai ao que estava perdido, e não certamente para manter-se à margem deste extravio, mas no sentido de tornar-se um dos extraviados. Este abaixamento é *humilitas* (*humus* = pó), humildade”.

⁶² Para François VARILLON, (*L’Humilité de Dieu*, 431) teólogo francês, buscar a Deus na perspectiva do poder é seguir um caminho pagão, mesmo se, infelizmente, esta idéia permanece sempre no fundo de nosso subconsciente. Ele se pergunta: “de que tipo de poder é a onipotência de Deus?” E responde que o poder infinito de Deus é o poder de se esvaziar, de se retrair a si mesmo, de se apagar, justamente porque é amor. A experiência do amor humano revela que o amado se torna tudo para o amante. Ao amar, a pessoa se esvazia totalmente de si. Isso ajuda a compreender a Deus, cuja onipotência lhe permite expressar-se como nada (na morte) e em milhares de situações próximas ao nada (fragilidade humana, fragilidade social e jurídica, fragilidade econômica), isto é, como excluído. E faz uma comparação esclarecedora: “Podemos compreender desse modo a humildade do ato criador divino: Deus não é um astro que, ao criar, se dá satélites para que girem ao seu redor. Mas é aquele que, sendo tudo, passa a ser nada. Criando, se retira para nos deixar livres. Deus se recusa manipular-nos. Ele nos cria capazes de nos criar a nós mesmos”.

⁶³ “Eis que ele se humilha todos os dias tal como na hora em que, descendo de seu trono real para o seio da Virgem, vem diariamente a nós sob aparência humilde, todos os dias desce do seio do Pai sobre o altar, nas mãos do sacerdote” (Adm 1, 16-18)

quando suspeitos de uma vida pouco evangélica⁶⁴, nas palavras escritas⁶⁵, nos pobres⁶⁶, e na própria criação⁶⁷ como mostra o Cântico do Irmão Sol⁶⁸. A encarnação pode ser vista, na perspectiva do *Poverello*, como uma ação em ato no presente da história, continuada ininterruptamente. Deus não é só um *incarnatus* em Jesus Cristo, mas é também um *incarnandum* na realidade que a transforma em sacramento de sua presença como parece sugerir G. Iammarrone⁶⁹ e como afirma González Faus⁷⁰. Toda a criação e a história se revelam sacramento de Deus devido à encarnação do Verbo. E como, entrando no mundo, Deus escolheu

⁶⁴ “E o Senhor me deu e me dá tanta fé nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja Romana, por causa de suas ordens que mesmo que me perseguissem, quero recorrer a eles. (...) Hei de respeitar, amar e honrar a eles e a todos os outros como meus senhores. Nem quero olhar para o pecado deles, porque *neles reconheço o Filho de Deus* e eles são os meus senhores” (Test 6. 8-9). (grifo nosso)

⁶⁵ “Onde quer que o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja conservado de modo inconveniente ou simplesmente deixado em alguma parte, que o tirem dali para encerrá-lo e colocá-lo num lugar ricamente adornado. De igual modo *sejam recolhidos e colocados em lugar decente os nomes e palavras escritos do Senhor* sempre que forem encontrados em lugares impróprios” (CtCle, 11-12). Existe uma segunda recensão desta carta, onde este pensamento se encontra praticamente nos mesmos termos nos seus vv 11 e 12. Referência à presença de Cristo nas palavras aparece ainda de modo muito claro na CtOrd 35-37: “Advirto por isso a todos os meus irmãos e os confirmo em Cristo, a que *onde quer que encontrem palavras de Deus escritas, tratem-nas com todo o respeito possível e, quanto depender deles, se elas não estiverem bem guardadas ou jazerem dispersas em lugares inconvenientes, recolham-nas e as reponham em lugar decente, honrando o Senhor nas suas palavras que pronunciou*” (grifo nosso). Na mesma perspectiva se expressa A. GERKEN. *La intuición teológica*, 167-170.

⁶⁶ Embora nos primeiros versículos do Testamento Francisco reconheça que os pobres foram o “instrumento de Deus” na sua conversão e no capítulo nove da RNB indique os excluídos como o lugar da realização da vocação dos frades, não encontramos nenhuma afirmação direta e explícita de Francisco dizendo que os pobres são a presença de Deus. Porém a encontramos nas fontes contemporâneas. Assim a frase “quem injuria um pobre injuria o próprio Cristo, de quem é sinal, pois ele se fez pobre por nós neste mundo” é reportada praticamente por todas as fontes o que indica, com grande probabilidade ser um *logion* de Francisco, embora não tenha do selo do “*nos qui cum eo fuimus*” (1 Cel 76; 2 Cel 85; LM 8,5; LP 89; EP 37 etc).

⁶⁷ As Fontes Franciscanas reportam uma série de fatos mostrando Francisco que de certa forma vê a encarnação de Deus nas criaturas: Francisco pisava com cuidado nas pedras, porque as Escrituras dizem que Cristo é a pedra angular”; estimava muito o cordeirinho porque Cristo foi chamado de cordeiro imolado; retirava o verme do caminho porque o Servo de Javé foi comparado a um verme pisado por todos os transeuntes: encantava-se com a luz do sol, porque Cristo afirmou ser a luz do mundo” (1Cel 77-82; 2Cel 165-171; LP 43.49.51; LM 9,1; EP 118, etc).

⁶⁸ Este poema de Francisco, nascido no seu último ano de vida, faz entender que cada ser da natureza é uma espécie de encarnação de uma qualidade ou de um modo de ser de Deus. Deus se faz presente junto a nós iluminando (sol), sustentando (ar e terra), governando (terra), como humildade (água), como calor e força (fogo), etc. Todo o Cântico é cristológico e por isso o louvor é dirigido a Cristo (Louvado sejas TU) e não às criaturas. É interessante ver esta perspectiva de leitura em E. LECLERC. *O Cântico das Criaturas ou os símbolos da união*.

⁶⁹ G. IAMMARRONE, *La cristologia francescana*, 45. Porém esse autor, mesmo usando a palavra “*incarnandum*”, a analisa apenas ontologicamente, enquanto Cristo é mediador da criação como transparece na Admoestação 5 de Francisco. Nosso parecer, todavia, é de que Francisco não estava preocupado com esta forma de fazer teologia. A presença viva de Cristo na criação toda, pela onipotência divina de se retrair, faz com que ele possa ser visto em toda a parte, sem incidir num panteísmo que simplesmente identifica diretamente as criaturas com o criador.

⁷⁰ GONZÁLEZ Faus, (*La humanidad nueva*, 209) assevera, referindo-se à pessoa de Jesus Cristo, que a “encarnação, propriamente falando, não se conclui, a não ser com a ressurreição”.

o lugar dos excluídos e se identificou com eles (“Não se envergonhou de se fazer pobre e hóspede por nós, e viveu de esmolas...”) a solidariedade com os “leprosos” se torna o caminho por excelência de encontro com Ele.

Conclusão

Do caminho de análise percorrido, cremos poder apresentar em poucas palavras a conclusão. Resumimos em três breves pontos:

a) Em primeiro lugar, ressaltamos que para Francisco a encarnação de Deus é *uma das principais chaves de leitura de toda a realidade cristológica*. Enquanto ação paradigmática, não é uma ação do passado, já concluída, mas, ao contrário, um modo de ser continuado na história. Para Francisco, Deus vai se tornando presente de múltiplas formas: nas pessoas, nos acontecimentos, nos seres da natureza, transformando, destarte, ao mesmo tempo, o mundo num grande sacramental de Deus. Mais adequado, então, do que falar em *Deus incarnatus* seria dizer, analogicamente, *Deus incarnandum*, isto é, em processo ininterrupto de assunção de “mundanidade” e de manifestação ao mundo.

b) Em segundo lugar, importa frisar que *Francisco vê na encarnação uma autêntica quénosis* do Deus triuno. Vários autores ressaltam esse dado, com suas nuances próprias. Esta chave de leitura permitiu a G. Miccoli perceber que a encarnação obedeceu à mesma lógica da cruz, da qual é premissa. Esse modo de ser de Deus retrair-se, esconder-se, esvaziar-se encontra sua expressão máxima na morte de Cristo na cruz, de modo que a encarnação e a paixão já não são mais dois mistérios diferentes, e sim dois momentos distintos do mesmo e único mistério.

Queremos aqui referendar o pensamento da teóloga argentina Althaus-Reid, segundo quem o lugar de Deus sempre foi a margem. Seria incorreto pensar que Deus, a certa altura da história, optou pela periferia, porque desde sempre este é o seu “lugar central”. Igualmente lembramos que François Varillon afirmou que a humildade de Deus (não somente de Cristo) consiste na sua infinita capacidade de se esconder, de se retrair.

c) Em terceiro lugar, que a *quénosis* de Deus e do Verbo é expressão de solidariedade com os que foram privados de sua dignidade e postos à margem da

história pelo sistema social. Deus, em Jesus Cristo, se faz um excluído, não para sofrer (masoquistamente). Mas aceita sofrer até a pior das exclusões para estar com os sofredores, experimentando tudo aquilo que estes vivem, com o objetivo de, mediante este gesto, devolver-lhes a dignidade e reintegrá-los na convivência fraterno-social.

d) E, por fim, em quarto lugar, o modo de encarnação do Verbo de Deus em Jesus Cristo, nascido entre os últimos e rejeitados, se torna, na perspectiva do ensinamento exemplar de Francisco, a razão de ser da solidariedade dos frades para com os relegados da sociedade. Torna-se imperioso abraçar o exemplo de vida de Cristo, Mestre e Senhor, para corresponder ao seu amor. O modo de vida pobre e humilde, entre os excluídos e marginalizados, não encontra sentido no ascetismo religioso, tão difundido e marcante no tempo de Francisco cujo objetivo era o domínio de si e do próprio corpo⁷¹, e sim no “seguimento dos passos de Nosso Senhor Jesus Cristo” (Rnb 1,1; 21,2; CtLe 3; CtOr 51; 2 CtFi 13). É esta dinâmica de vida que os franciscanos foram convidados a assumir, impelidos pela experiência e testemunho de Francisco. Entende-se, então, que a solidariedade com os mais excluídos se torne, assim, o caminho por excelência para expressar o seguimento de Cristo. Francisco o reconhece, quando, ao rememorar a história de sua conversão, começa por afirmar que a “convivência solidária com os leprosos” foi o elemento que inverteu sua concepção de vida (Test 1-3).

⁷¹ Nesta perspectiva é interessante ver a manipulação do texto “Da Verdadeira e Perfeita Alegria” feita pelos *Fioretti*, no seu capítulo oitavo. “Ouve, pois, a conclusão, irmão Leão: Acima de todas as graças e de todos os dons do Espírito Santo, os quais Cristo concede aos amigos, está o de vencer-se a si mesmo, e voluntariamente pelo amor suportar trabalhos, injúrias, opróbrios e desprezos, porque de todos os outros dons de Deus não nos podemos gloriar por não serem nossos, mas de Deus...”. No texto original de Francisco não encontramos referência alguma a esta espécie de estoicismo.